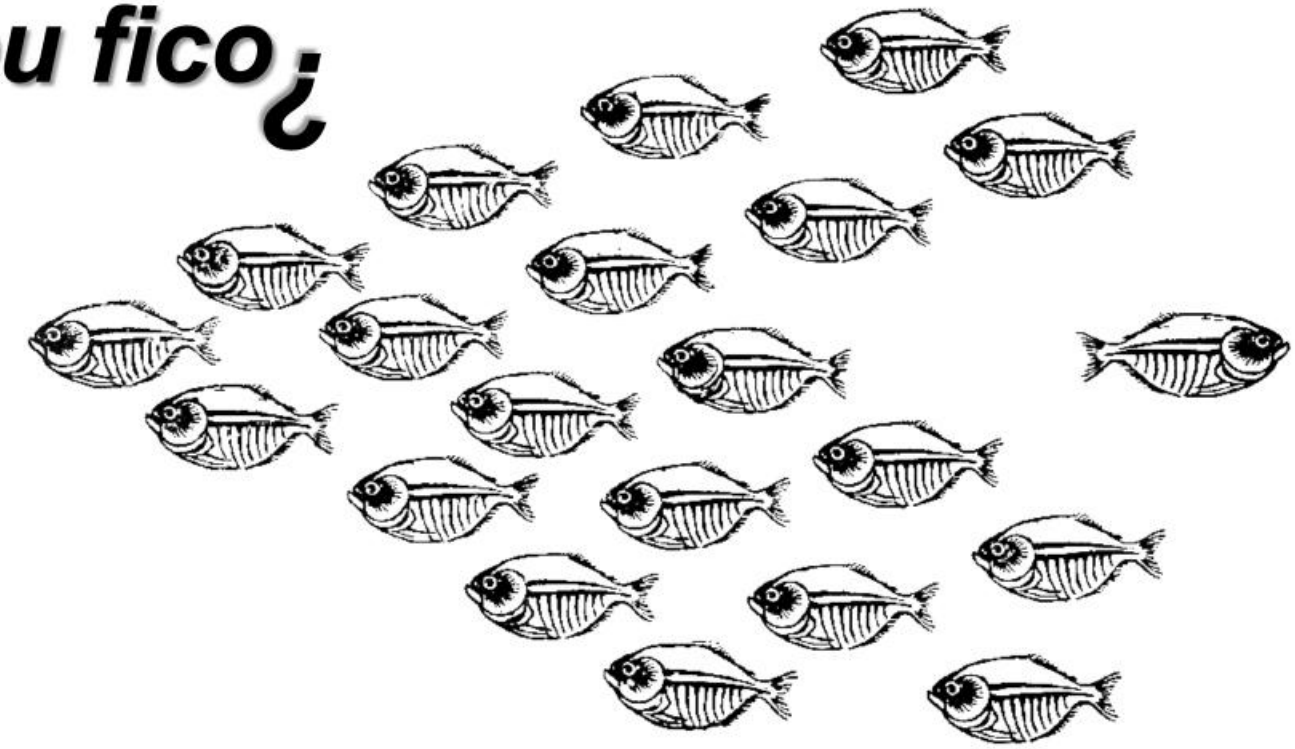
reflexões sobre
ARTE visual
v.7 n.19 outubro 2026

Arte: Outsider ou Independente, onde eu fico¿



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

ISSN **2764-1279**

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

https://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual/revista-reflexoes-sobre-arte-visual-2

Autoria, Editoria e Publicação:

Professor Doutor Isaac A. Camargo*

Sobre o autor – Plataforma Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Edição: Vol.7, No.19, outubro 2026 – *Arte: Outsider ou Independente, onde eu fico?*

Periodicidade: quinzenal

Capa: Isaac, "Dissidente", Imagem da Série "Como Conservar Piranhas".

Campo Grande -MS

APRESENTAÇÃO

Os textos publicados nesta revista são de minha autoria e resultam de investigações desenvolvidas no âmbito da Pesquisa em Arte, como parte do meu exercício docente na condição de Professor, Artista e Pesquisador. Decorrem de uma trajetória de mais de 50 anos dedicada ao Ensino Público Superior em Arte Visual. Os temas abordados articulam-se com a História da Arte, a Estética, a Crítica de Arte e demais teorias correlatas, e resultam também da produção artística por mim realizada ao longo desse mesmo período. Cabe destacar que esses textos não têm perfil acadêmico, aproximando-se antes do ensaio e da crônica, com o objetivo de difundir informações e promover o conhecimento em Arte Visual.

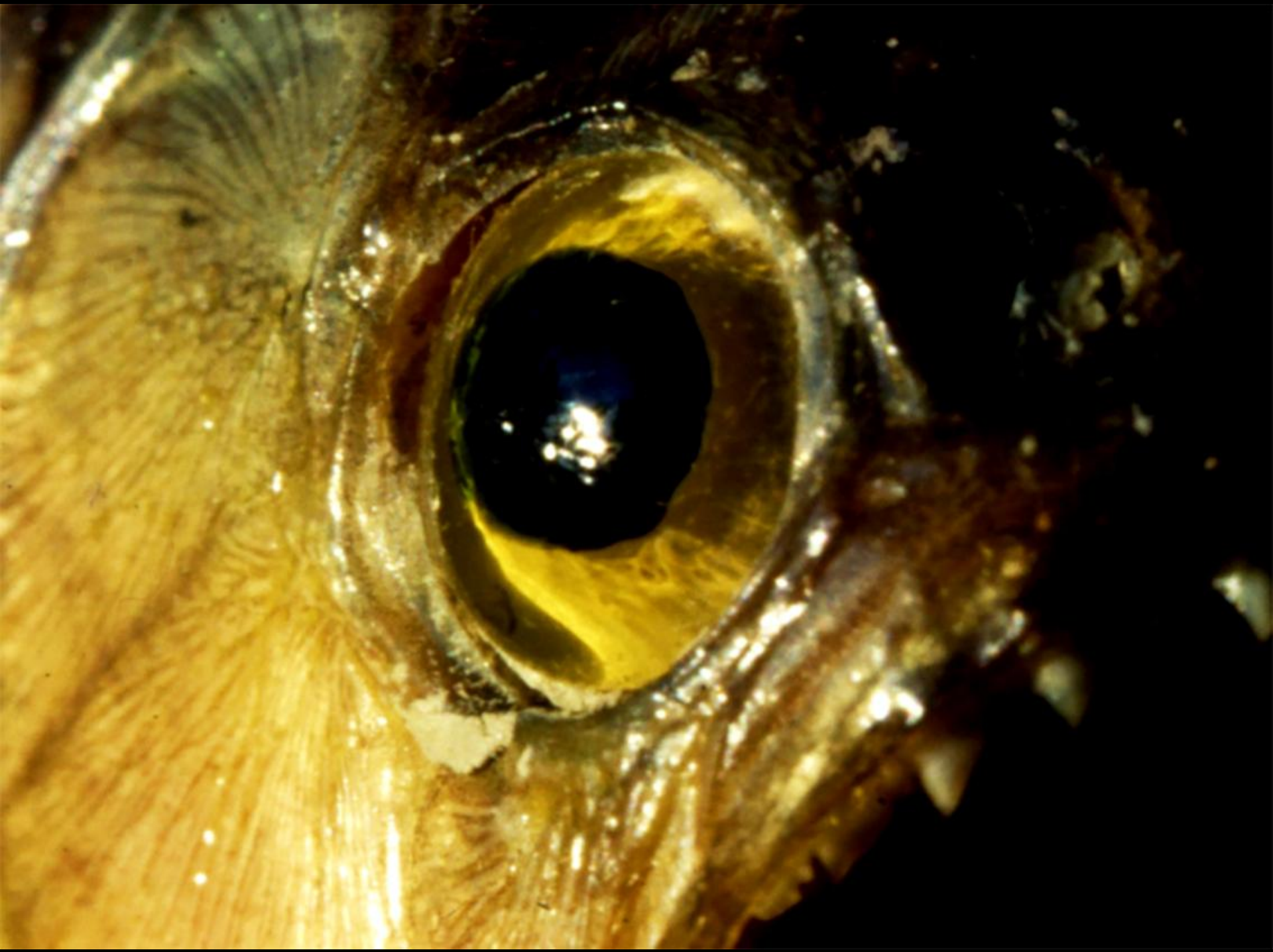
* *Isaac Antonio Camargo - Docente do Ensino Público Superior desde 1976 na área de Arte Visual nas instituições: UEL -Universidade Estadual de Londrina, UFU - Universidade Federal de Uberlândia, UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina e UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul até 2026.* isaac_camargo@hotmail.com

A imagem da capa desta edição faz parte de uma das séries que desenvolvo chamada “*Como Conservar Piranhas*”. Vale uma explicação: costumo abrir *Séries* para dar vazão a ideias, temas, assuntos e conceitos que surgem de minhas reflexões no contexto da *Pesquisa em Arte.* Há várias que me acompanham ao longo do tempo. Esta é uma delas, foi iniciada na década de 80 do século passado e continua até hoje.

A Piranha se tornou um tema quando ganhei um espécime taxidermizado: um souvenir turístico, originário do pantanal mato-grossense. Passei a fazer desenhos, fotografias, gravuras entre outras manifestações em que se torna o elemento catalizador das proposições, por isso, a Série. A partir do momento em que me mudei para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a Piranha se tornou mais presente no meu imaginário.

A título de ilustração, ai vai a “piranha original” mantida num expositor de acrílico e madeira.

Aqui um desenho/monotipia, de 1984, em que ela entra na Paisagem... A seguir um *close up* fotográfico:



A série conta, atualmente, com quinze peças. A que abre esta reflexão foi realizada por meio da impressão pelo processo de *frottage*, ou seja, decalque sobre relevo. No caso usei a matriz de uma xilografia, colocada sob tecido transparente e friccionando giz cera sobre a superfície obtendo a impressão da imagem. Fazendo isso várias vezes, foi possível criar o cardume e, colocar uma delas ao contrário, provoca o sentido de oposição, dissidência.

A produção de sentido e significação em Arte Visual é ampla e pode ser operada por meio de diferentes vieses estético/conceituais, um deles é o das *semioses:* processos por meio dos quais os signos produzem significação, ou seja no caso da Arte, ao invés de perguntar o que uma obra "representa" indague: "como ela produz sentido" e descubra que é por meio de condutas conceituais propositivas e processuais.

Esta justificativa semiológica explica também minhas preocupações didáticas, pois o contexto pedagógico sempre foi a base de minhas preocupações em ambiente de ensino, pesquisa e extensão, envolvendo a organização dos projetos pedagógicos que ampararam meu percurso docente e, ao mesmo tempo, as orientações do pensamento na realização de minha práxis artística.

Uma coisa nunca esteve afastada da outra, mesmo que em alguns momentos e fases a produção artística fosse menos materializada, a produção didático/pedagógica, estética e conceitual alimentava ambas. Nos momentos em que conseguia colocar em prática as questões artísticas, elas respondiam a aspectos já intuídos, pensados, e pré elaborados em situação de ensino.

No que diz respeito à práxis artística devo dizer que minha formação é em *Desenho e Plástica*, um curso de Licenciatura criado pelo Conselho Federal de Educação no início dos anos 1960, com Currículo Mínimo definido pela Portaria de 4 de dezembro de 1962, pelo Parecer CFE nº 338/62. Minha graduação foi realizada na Faculdade de Artes Plásticas da UNAERP, em Ribeirão Preto – SP de 1972 a 1975.

Com isto, minha abordagem artístico/estética se configura no contexto das chamadas Artes Plásticas, nomenclatura que surgiu no ambiente da Arte Moderna em contraponto à de Belas Artes que, no contexto sociocultural e estético, já havia sido superada pelas investigações e experimentações conceituais da Modernidade. É sob este viés que atuo.

Embora minha atividade em Arte Visual seja, em grande parte, focada na docência e na produção intelectual, nunca deixei de realizar trabalhos em Arte e de participar, mesmo que sazonalmente, de mostras e eventos, mas sem ter como preocupação o circuito ou o mercado. O que sempre me motivou foi colocar em funcionamento proposições que surgiam das elaborações decorrentes do preparo de disciplinas.

E aqui entra a pergunta que sempre me fiz: *Onde eu fico?* Em que categoria eu me encaixo? Para tentar responder a esta pergunta, recorro às duas que apresentei para esta edição; a de *Artista Outsider* e de *Artista Independente.* Quem sabe, ao refletir sobre elas seja possível delinear melhor a postura que adotei ao longo de meu percurso profissional como *Professor, Artista e Pesquisador*.

Outsider, em tradução literal é alguém de fora, externo ao contexto e *Independente* é alguém que atua de modo autônomo e autoral. Entre as duas, considero que a primeira reforça a ideia de fora do eixo e revela deslocamento o que não creio que seja adequada aos meus propósitos e projetos, a segunda está muito mais próxima do que penso e realizo. Neste sentido vale a pena explorá-las para entende-las melhor.

Devo adiantar que não tenho a intenção de filiar-me a uma ou a outra, apenas identificar como meu percurso profissional agregou, moldou ou organizou meus modos de produção dentro de um perfil que explique ou justifique o que realizei ao longo do tempo, que tipo de resultados obtive e se isso interessa ou não a mais pessoas já que, como disse, em 50 anos de docência pude experimentar vários processo e procedimentos.

Volto à ideia da imagem que utilizei na capa desta edição nomeada de "*Dissidente*" justamente por mostrar a figura de uma Piranha "*navegando contra a corrente*", ou seja, em oposição às demais. Não quero com isto dar a entender que minhas posições são assim, é apenas uma imagem que ilustra ou metaforiza uma situação opositiva. No meu caso: trabalhar dentro de propostas que colocam em diálogo forma e conteúdo.

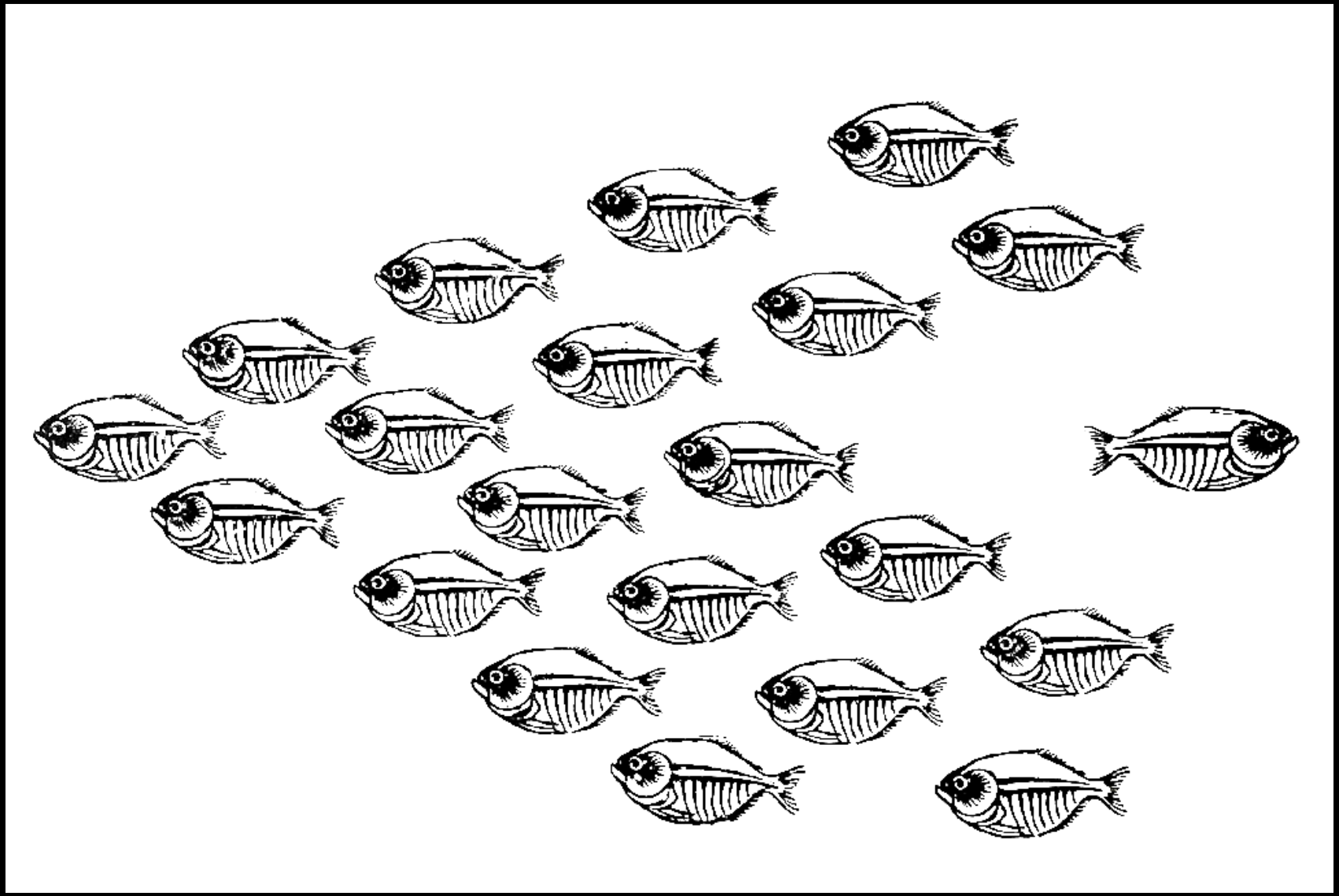
Aqui entra uma outra vertente semiológica, a da Semiótica Discursiva: a ideia de forma correspondendo ao conceito de *Significante* e a de conteúdo, ao de *Significado,* umas e outras participam dos processos geradores de sentido neste campo de estudo. Devo esclarecer que não recorro a esta vertente como pesquisador, uso-a apenas como auxilio para buscar a compreensão de certos percursos criativos.

Neste caso os Significantes são configurados por meio das formas que são constituídas por meio das substâncias de expressão plástico/visuais recorrentes na produção das manifestações artísticas, ou seja, na constituição das Poéticas Visuais, independente de se tratar dos modos e processos tradicionais ou inovadores, tais substâncias e técnicas são determinantes na configuração e existência das Obras de Arte.

Pode-se dizer que, tradicionalmente, os materiais obtidos, descobertos ou produzidos, bem como, a apropriação de meios para criar instrumentos e ferramentas para elaboração de imagens, a percepção visual, desenvolvimento da capacidade cognitiva e habilidades psicomotoras e estratégias para produzir ilusões visuais como são as imagens, sempre fizeram parte destas chamadas substâncias.

Portanto o conjunto de elementos significantes são essenciais para a promoção dos significados, ou seja, na medida em que se cria um Significante é também criado automática e obrigatoriamente um Significado. É o mesmo que dizer que às Formas correspondem os Conteúdos. À imagem da Piranha, em primeira instância, corresponde a existência de um animal no mundo natural que tem essa aparência.

Nesse sentido a primeira instância de significação é exatamente o reconhecimento de que há uma correspondência “literal” entre a imagem e a natureza. Uma segunda instância é a correspondência não literal, ou seja, a imagem não busca mais “representar” algo no mundo, mas dizer algo ao mundo. Usando o exemplo do cardume de piranhas onde uma está no sentido oposto:



“***Dissidente***”, *Isaac*, 2025.

Literalmente o que se vê é uma imagem em que há um conjunto de figuras de peixes orientados no sentido direita-esquerda e apenas um deles orientado no sentido esquerda-direita. Ao tomar apenas a imagem, pode ser que alguém entenda como algo comum ou corriqueiro no mundo natural. Outra pessoa pode intuir que se trata de uma declaração de ruptura, já que é algo criado e amparado na intenção ou vontade de outrem.

Contudo, a inserção do título, "*Dissidente*" leva o espectador a criar uma relação de causa e efeito e entender que não se trata mais de cardume ou de peixes, mas de atitude, posicionamento e conduta. O conteúdo da palavra *Dissidência* revela divergência, discordância ou incompatibilidade de ideias que, por consequência, pode levar a um comportamento dissidente. Portanto insere um elemento subliminar e simbólico na relação.

Nesta linha de raciocínio chega-se ao *Significado* e/ou ao *Conteúdo*. Assim é possível, tanto justificar, quanto validar a criação artística como semiose ou ato semiótico dedicado à geração de sentido. Há que se considerar que na construção de sentido foram adotados e empregados vários elementos, tanto materiais, quanto conceituais e subjetivos, mas ao fim e ao cabo, resultou em compreensão e conhecimento.

O que pretendo neste texto é destacar o fato de que a produção artística não é apenas um ato isolado de habilidades psicomotoras ou técnicas, mas também um processo intelectual e cognitivo que perpassa todos os ingredientes e condições de existência da Arte e, principalmente, sua presença sociocultural, este é o entendimento que orienta minha postura no campo artístico e pedagógico, por isso a busca de um “lugar” conceitual.

Vou explorar os conceitos de *Outsider* e de *Independente* para refletir sobre minha trajetória. O conceito de "outsider" refere-se a criadores autodidatas à margem das instituições artísticas e que produzem obras sem seguir convenções ou mercado. O termo é decorrente de "*Art Brut*" -"*Arte Bruta*", usado por Jean Dubuffet em 1945, para identificar obras de pessoas excluídas do convívio social por diferentes motivos.

Mais tarde foi traduzido para o inglês como "*Outsider Art*" por Roger Cardinal em 1972. De modo geral, refere-se a artistas que produzem de maneira espontânea, sem buscar reconhecimento ou adequação às normas culturais. É comum atribuir essa condição aos que demonstram desconhecimento sobre Arte ou que se opõem ao *status quo,* modelos, estilos e aspectos padronizados.

Esta obra é “*Summer Inn Zehndermätteli Bern*” de Adolf Wolfli, 1907, descoberto e apoiado pelo médico Walter Morgenthaler que, em 1921, Morgenthaler publicou uma monografia intitulada " *Loucura e Arte: A Vida e a Obra de Adolf Wölfli"* , levando o trabalho de Wolfli para além dos muros do hospital psiquiátrico e nomeada por Dubuffet de Art Brut.

Tais pessoas têm algumas características que justificam tal atribuição: *Marginalidade social*, muitos vêm de contextos de exclusão social, cultural ou condições clínicas, usam *Materiais inusitados,* obtidos fora dos meios artísticos, recorrem a técnicas não convencionais e demonstram *Autenticidade,* originalidade fora dos padrões estéticos dominantes.

Revelam *Expressão pura* movidos por impulsos internos, sem intenção de agradar o público ou seguir tendências. Muitos são *Autodidatas*, sem formação acadêmica ou formal em arte. Enfim seriam artistas “naturais” que atuam de modo “espontâneo” e independente de tendências, interesses e orientações, sejam elas convencionais ou típicas do sistema ou mercado de Arte.

O próprio Dubuffet adota a tendência recém descoberta e nomeada como proposição estética em seus trabalhos.

Semelhante a este processo podem ser identificadas também duas outras categorias que dialogam com ela. Uma é a *Art Naïf*, termo francês que nomeia artistas “Ingênuos”, aqueles que, embora tenham interesse na área de Arte convencional, não possuem formação adequada ou suficiente para se equipararem ao contexto dominante e são tidos como simplórios ou simplistas.

Outra é a chamada *Arte Popular*, decorrente de práticas coletivas e originárias de comunidades tipificadas por meio de tradições orais e regionais, dialogando com o contexto do qual emerge e do qual depende econômica e culturalmente. É muito ligada ao artesanato, vernacularidade e regionalismo. Normalmente decorrem hábitos e costumes da cultura local.

Art Naïf de Henri Rousseau, pintor francês, conhecido como “Le Douanier”, por ser funcionário da alfândega, não teve formação como pintor, foi autodidata e estimulado por artistas da época.

Com certeza, considerando minha inserção ativa no Sistema de Arte como docente e pesquisador e, além disso, todo o repertório que desenvolvi em minha carreira, dificilmente poderia ser considerado ou enquadrado como produtor Ingênuo, Popular ou Vernacular. Embora possa evocar tais condições em algumas de minhas séries, este não é o perfil conceitual que define o que faço.

Tendo a entender minha posição no contexto da Arte atual como produtor Independente. Já que minha relação com o circuito e mercado são frágeis, contudo, definir uma produção como *“Independente”* vai além de questões relacionadas à condutas solitárias ou falta de regularidade de mostras, tampouco de vínculo com o mercado. É uma postura ético/estética que busca priorizar certos requisitos conceituais.

Remeto a uma Edição de Reflexões por ocasião da mostra individual que fiz em 2015, na GAV – Galeria de Artes Visuais da UFMS: (https://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual/revista-reflexoes-sobre-arte-visual-2/send/25-reflexoes-sobre-arte-visual/1800-reflexoes-v6-edicao-especial-em-processo-mostra) que apresenta uma síntese de meus trabalhos.

Posso dizer que se trata de adotar uma posição diante do contexto sociocultural que exige posições de engajamento ético, político e metodológico dentro do Sistema de Arte Vigente, justamente pelo fato de que é constituído pelos circuitos comerciais e instituições privadas ou públicas que esperam a submissão aos modelos e critérios e dispensar isso implica em subvencionar seus próprios trabalhos.

Isso garante uma Autonomia Poética e Curatorial, justamente pela ausência de mediação do mercado, portanto, sem condicionamentos às temáticas e tendências. Proporciona liberdade de pesquisa e expressão, exploração de processos abertos, incompletos, efêmeros ou conceituais que dificilmente encontram apoio em espaços convencionais e em galerias comerciais.

Logo, há ganhos subjetivos e perdas objetivas. Posso dizer que sim, há investimentos de tempo, custo de material, armazenamento, entre outros que implicam em dosar quanto, como e quando investir ou não. Há sempre ponderações a serem feitas o tempo todo. Contudo, como professor praticante, sinto que é necessário apontar também algumas possibilidades de compensação.

Um dos caminhos mais comuns adotado por artistas que assumem este posicionamento é a criação de redes alternativas tanto de exibição, como ateliês abertos, quanto espaços coletivos e residências artísticas. Outra questão é a Gestão pessoal de carreira o que implica em gerir: documentação, comunicação, curadoria, exposição e mediação e até buscar apoio via projetos institucionais e governamentais.

Uma alternativa para circulação é recorrer ao uso de Plataformas Digitais em redes sociais como meio para difusão da produção. Recorrer à Publicações de Artista em Mídia Digital ou Impressas por meio de zines, livros de artista, múltiplos, gravuras e mesmo a criação de arte digital como estratégia para a distribuição de obras em rede no sistema da WEB.

Além da busca por apoio em projetos institucionais, pode-se recorre a financiamentos coletivos e assinaturas dentro de plataformas como a *Catarse*, *Patreon*, entre outras, para obter a manutenção de atividades artísticas ou eventos. Há possibilidade de Prestação de serviços no campo da arte como Curadoria, Expografia, Montagem, Cursos Livres e Eventos, Gestão de Acervos e Carreiras, Editoração e Edição.

Em suma e síntese, atuar como artista independente é uma garantia de que a produção não precisa ceder às tentações do sistema econômico cuja recompensa é sentir que tanto a autonomia criativa e autoria serão preservadas, independente de que tipo de projeto, proposição ou atitude venha a ser desenvolvida. Contudo, não se pode ignorar que para manter esta atitude há que se buscar meios de subsistência.

Para finalizar, confesso que ao adotar a docência como carreira tive também a oportunidade de manter meu trabalho em Arte como algo independente, de fato, e, ao mesmo tempo, de estar criando um problema, de médio e longo prazo: um acervo sem destino, um grande problema com o qual meus descendentes terão que lidar, por isso, peço a eles mil desculpas antecipadas...